

.XXX

O sítio da Cruzinha no contexto ocupacional de época romana da Ria de Alvor

Vera Teixeira de Freitas\*  
Isabel Soares\*

## Resumo

O sítio da Cruzinha situa-se no concelho de Portimão, na propriedade da Quinta da Rocha, nas proximidades da margem esquerda da Ribeira do Farelo, antes da sua confluência com a ribeira da Torre. Este sítio foi identificado por Estácio da Veiga durante as suas explorações no concelho de Portimão, referindo-se a este na sua *Carta Arqueológica do Algarve – Tempos Históricos*, como uma construção isolada de cronologia romana.

A intervenção arqueológica realizada impôs-se devido aos trabalhos de manutenção da estrada municipal de acesso à Quinta da Rocha, responsáveis pela afectação do sítio arqueológico, onde, nos taludes recentemente postos a descoberto, eram visíveis concentrações de materiais arqueológicos, nomeadamente *tegulae*, bojos de ânforas e cerâmica comum. Neste âmbito, o objectivo que presidiu à intervenção foi o de registar os vestígios arqueológicos afectados, de modo a caracterizar o tipo de sítio presente, esclarecer quanto à sua estratigrafia de ocupação e cronologia, bem como contextualizar os resultados à luz das informações actualmente disponíveis sobre os restantes núcleos habitacionais presentes na Ria de Alvor.

## Abstract

Cruzinha's site is placed on Portimão's council, on the Quinta da Rocha domain, in the outskirts of the left bank of the Farelo's creek, before this one merges the Torre's creek. This site was identified by Estácio da Veiga during his explorations on the Portimão area, referring to this particular one on his *Carta Arqueológica do Algarve – Tempos Históricos*, as an isolated construction of roman chronology.

The archaeological intervention made, was due to the maintenance works of the municipal road that leads to Quinta da Rocha, which interfered on this archaeological site, where, on a recently made slope, was visible a concentration of archaeological material, mainly *tegulae*, amphora and other ceramics. The goal leading this intervention was to register the affected archaeological traces, in order to characterize the type of the site, to get a clear look of its occupational stratigraphy and chronology, as well as to context the results with the present information on the other settlements on the Ria de Alvor.

\* Museu Municipal de Portimão. [museu@cm-portimao.pt](mailto:museu@cm-portimao.pt)

Maria Luísa Santos (1971-72: 7-9), na obra onde retoma as investigações do seu bisavô, refere o aparecimento no sítio da Cruzinha de uma ara funerária, actualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia, foi datada da segunda metade do século II (Encarnação, 1984: 119). A sua presença sugere a existência de uma necrópole na zona, que poderá estar associada aos vários núcleos populacionais conhecidos nas proximidades, nomeadamente a Cruzinha, Lameira, Poço Vezeiro, *villa* da Abicada, Vila Velha de Alvor (*lpses*).

## 1. Introdução.

O sítio da Cruzinha localiza-se no distrito de Faro, concelho de Portimão, freguesia da Mexilhoeira Grande. Encontra-se a cerca de 23m acima do nível médio das águas do mar, situando-se na propriedade da Quinta da Rocha, na margem esquerda da Ribeira do Farelo, antes da sua confluência com a ribeira da Torre. Implanta-se numa zona de depósitos miocénicos, que se caracterizam por areias calcárias e calcários, identificados como fazendo parte da “Formação carbonatada de Lagos – Portimão e depósitos de Aljezur”. Os terraços fluviais e os aluviões ao longo da ribeira do Farelo, bem como as dunas e sapais presentes na ria de Alvor, formam-se no período Quaternário, através do depósito de sedimentos continentais de areias e cascalheiras.

O sítio arqueológico da Cruzinha foi identificado por Estácio da Veiga durante as suas explorações no concelho de Portimão, referindo-se a este, na sua Carta Arqueológica do Algarve – Tempos Históricos, como uma construção isolada de cronologia romana (Veiga, 1905a; 1905b, 1910). Relativamente à ocupação de época romana deste território, Estácio da Veiga procedeu ao reconhecimento de vários sítios, tendo-se dedicado à exploração de Vila Velha de Alvor, dos estabelecimentos de salga do Vau (Alvor) e de Portimões, bem como das construções existentes na Cruzinha, Lameira (ambas na Quinta da Rocha e Mesquita. A sua investigação sobre esta temática levou-o a concluir que *Portus Hannibalis* se implantava entre a Ribeira de Odiáxere e o rio Arade, devendo-se encontrar, na sua maioria, submersa.

## 2. Contexto e objectivos da intervenção arqueológica

A estrada municipal de acesso à Quinta da Rocha foi sujeita a trabalhos de manutenção que implicaram o seu alargamento em determinadas áreas. Estes trabalhos foram responsáveis pela afectação do sítio arqueológico da Cruzinha, onde, nos taludes recentemente postos a descoberto, eram visíveis concentrações de materiais arqueológicos, nomeadamente *tegulae*, bojos de ânforas e cerâmica comum, para além de algumas pedras que pertenciam a um muro de contenção.

Neste contexto, o objectivo que presidiu a esta intervenção foi o de registar os vestígios arqueológicos afectados pelo alargamento de uma estrada, através de acertos do corte que permitem-se caracterizar qual o tipo de sítio, bem como esclarecer quanto à sua cronologia. Pretendia-se também, através de um registo minucioso da realidade arqueológica detectada, verificar as leituras diacrónicas e sincrónicas da estratigrafia de ocupação.

## 3. Análise da estratigrafia reconhecida na intervenção da Cruzinha (Quinta da Rocha)

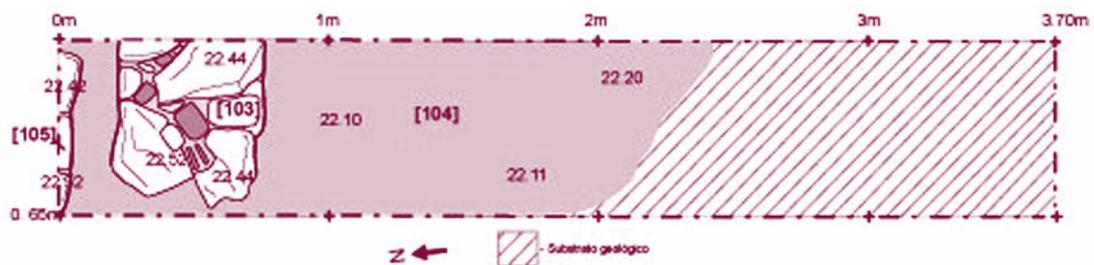
A intervenção iniciou-se pela identificação das várias zonas que apresentavam maior potencial arqueológico, onde se denotava uma concentração de materiais arqueológicos ou, num dos casos, blocos pétreos que sugeriam a existência de uma estrutura. Posteriormente, nestas áreas seleccionadas efectuou-se a marcação dos quatro cortes, que se encontram dispersos ao longo de uma área de 50m.



**Fig. 1** – Localização do sítio da Cruzinha na Carta Militar de Portugal (folha 603, 1:25 000) e planta topográfica com implantação dos cortes.



**Fig. 2** – Vista da vertente Este do sítio da Cruzinha.



**Fig. 3** – Planta do Corte 1.

Após uma limpeza da área do corte 1 iniciamos a intervenção pela remoção dos vestígios ainda conservados do muro de sustentação do talude – [100]. Sob esta realidade definimos um depósito de provável origem natural e de cronologia Moderna – [101], contendo raro material arqueológico, nomeadamente cerâmica de construção e cerâmica comum de época Moderna. Este depósito encontrava-se sobre duas realidades de naturezas distintas: uma estrutura no sentido Este-Oeste – [103] e um outro depósito resultante de acção antrópica – [102]. A estrutura foi construída mediante um corte no depósito [102] e posterior colocação do aparelho. A sua posição estratigráfica, bem como alguns dos seus componentes construtivos, sugerem para esta estrutura uma cronologia Moderna, encontrando-se provavelmente relacionada com os muros divisórios de propriedade, que ainda hoje são visíveis no interior da Quinta da Rocha, exactamente com o mesmo aparelho construtivo e a mesma orientação.

O depósito [102] resultou de uma acumulação de restos faunísticos, maioritariamente fauna malacológica, bem como de materiais de construção (*tegulae*, tijolo), envoltos num sedimento de tom acinzentado, devido à abundante presença de cinzas e de carvões de pequenas dimensões. Foi também possível recolher cerâmica comum com relativa frequência, nomeadamente jarros/bilhas (Fig. 4, n.º 1-2) e taças (Fig. 4, n.º 3-5), para além de bojos de ânforas/grandes recipientes, um diminuto fragmento de disco de lucerna de pasta calcária (Fig. 4, n.º 6) e algumas escórias de ferro. A *Terra Sigillata* encontra-se representada por dois fragmentos de *T. Sigillata* Sudgálica, provavelmente integrados na forma Dragendorff 35/36 dos denominados serviços flavianos (Fig. 4, n.º 8-9), um bordo de *T. Sigillata* Clara A (forma Hayes 3?) (Fig. 4, n.º 7) um bojo de *T. Sigillata* Clara C e um fundo de *T. Sigillata* Clara D pertencente à forma Hayes 91 (Fig. 4, n.º 10). Tendo em conta o espólio recolhido e a posição estratigráfica, este contexto aparenta ter resultado de uma acumulação continuada, derivada da longa ocupação do local, abarcando um período entre o século I e o VI.

Definiu-se uma outra estrutura – [105], coberta pelo depósito [102], da qual apenas foi possível verificar um alinhamento de três blocos de calcário,

tendo em conta a impossibilidade de alargar a área do corte devido à presença de uma oliveira. Esta estrutura possui uma orientação ligeiramente desviada da anterior, inserindo-se cronologicamente na época Romana Imperial ou em períodos anteriores.

Tanto a estrutura [105] como o contexto [102] encontravam-se sobrepostos ao depósito [104]. Este continha escasso material arqueológico, salientando-se um fundo plano de pé destacado com uma incisão pré-cozedura na superfície interna (Fig. 4, n.º 11). Este contexto parece corresponder a um estrato de aterro/ nivelamento do substrato geológico, cujo topo terá sido utilizado como um solo de habitat, em provável associação com a estrutura [105]. Sob esta realidade definiu-se o substrato geológico.

Os restantes cortes efectuados apresentaram uma estratigrafia semelhante, pelo que serão tratados em conjunto. A intervenção dos cortes 2, 3 e 4 iniciou-se com a remoção de um depósito arenoso natural [200=300=400]. Assinala-se a presença de escórias, cerâmica de construção (telha contemporâneo, *tegulae*), faiança, cerâmica vidrada, bem como bojos de ânforas/grandes contentores. Este depósito assentava sobre um empedrado, correspondente aos restos do muro de sustentação do talude da estrada – [201=301=401]. Os materiais arqueológicos aqui recolhidos são pouco abundantes, destacando-se a presença de cerâmica de construção (telhas e tijolos actuais), bojos de ânforas/grandes contentores, cerâmica comum de época Moderna e também de época Romana, nomeadamente um bordo de uma bilha (Fig. 7, n.º 1) e um diminuto fragmento de um vertedouro de almofariz, ambos de fabrico Bético.

Sob esta estrutura encontrava-se um depósito de provável origem natural – [202=302=402]. No contexto [302] registou-se a presença de um punção em bronze, bojos de ânforas/grandes contentores, cerâmica dita comum, nomeadamente dois recipientes fechados correspondentes a potinhos/panelas (Fig. 7, n.º 4-5) e um prato (Fig. 7, n.º 3), para além de um bojo de *Terra Sigillata* Clara A, um bojo e um fragmento de fundo de prato de forma indeterminada de *Terra Sigillata* Clara D (Fig. 7, n.º 2), que se encontra decorado com estampilha integrada, segundo Hayes, no estilo A (ii) (iii) (Hayes,

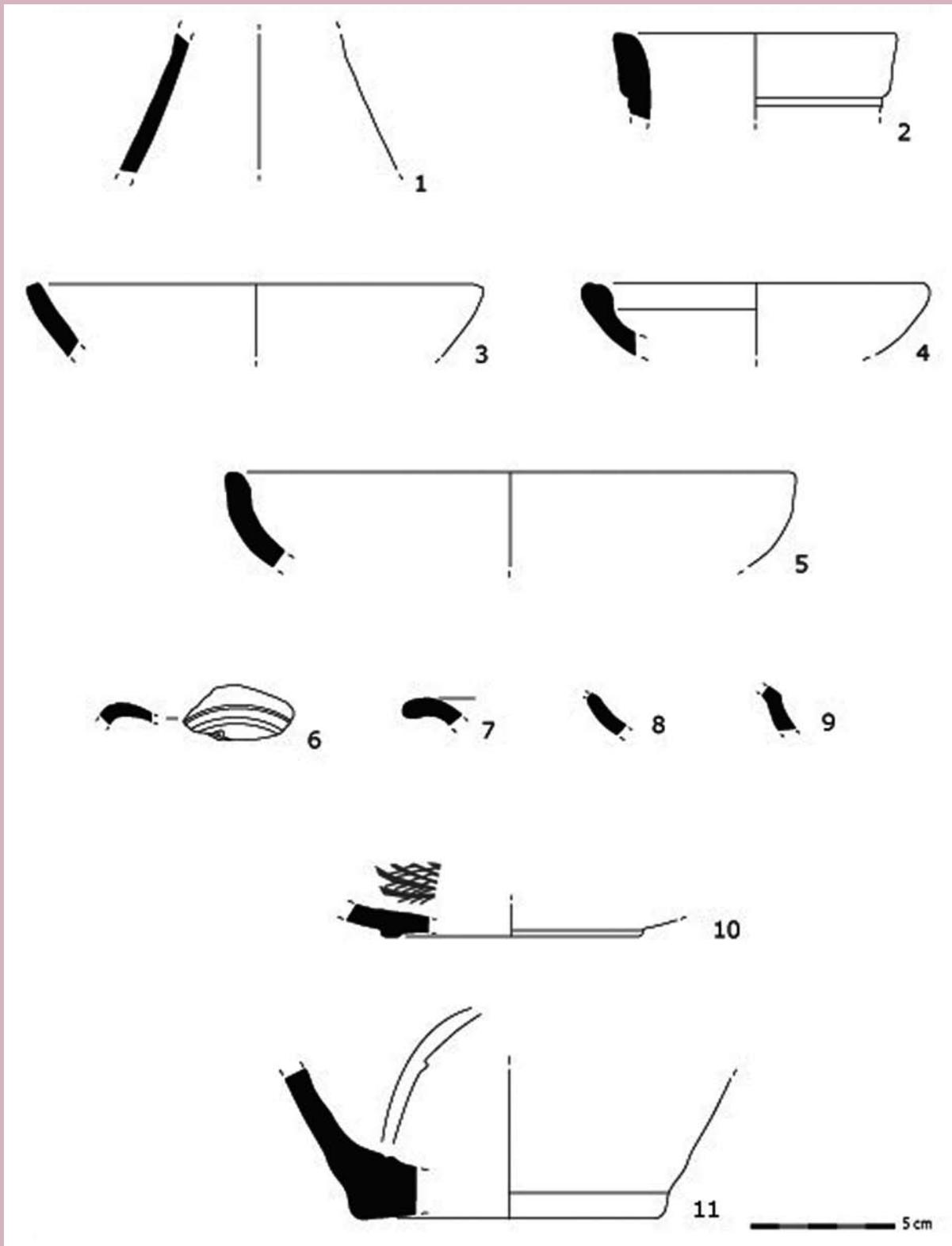


Fig. 4 – Materiais recolhidos na e.u. [102] (n.º 1- 10) e na [104] (n.º11) do Corte 1.



Fig. 5 – Vista do Corte 1.

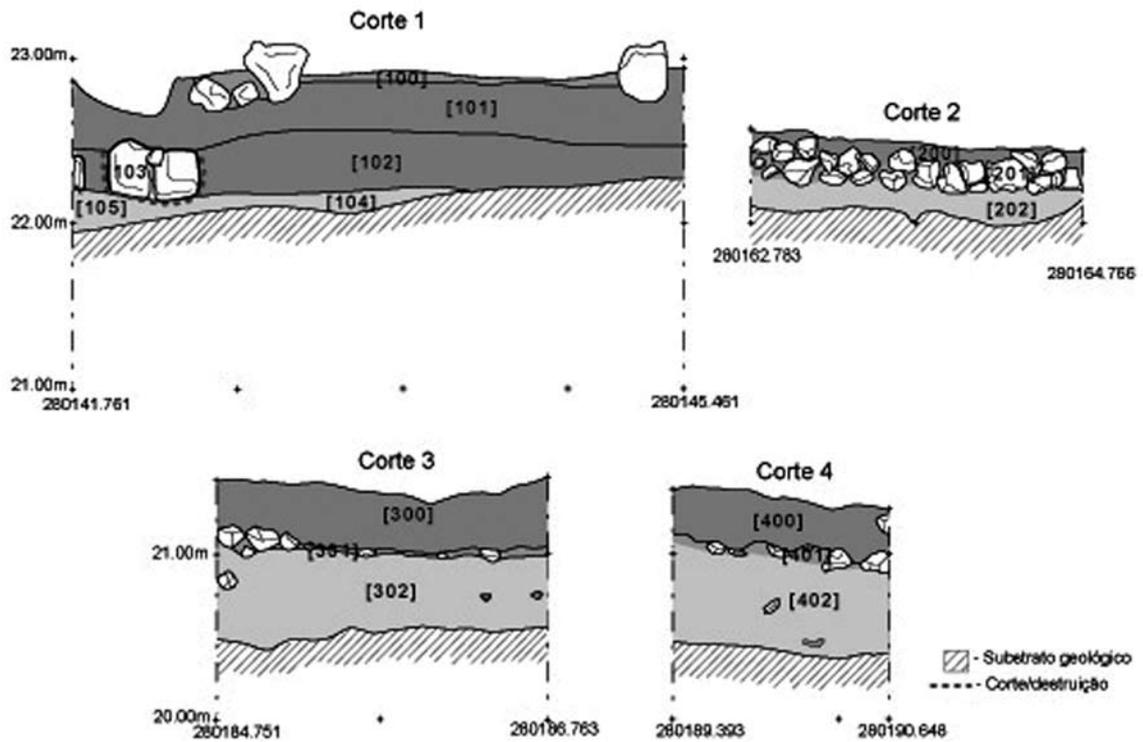


Fig. 6 – Perfis estratigráficos dos cortes.

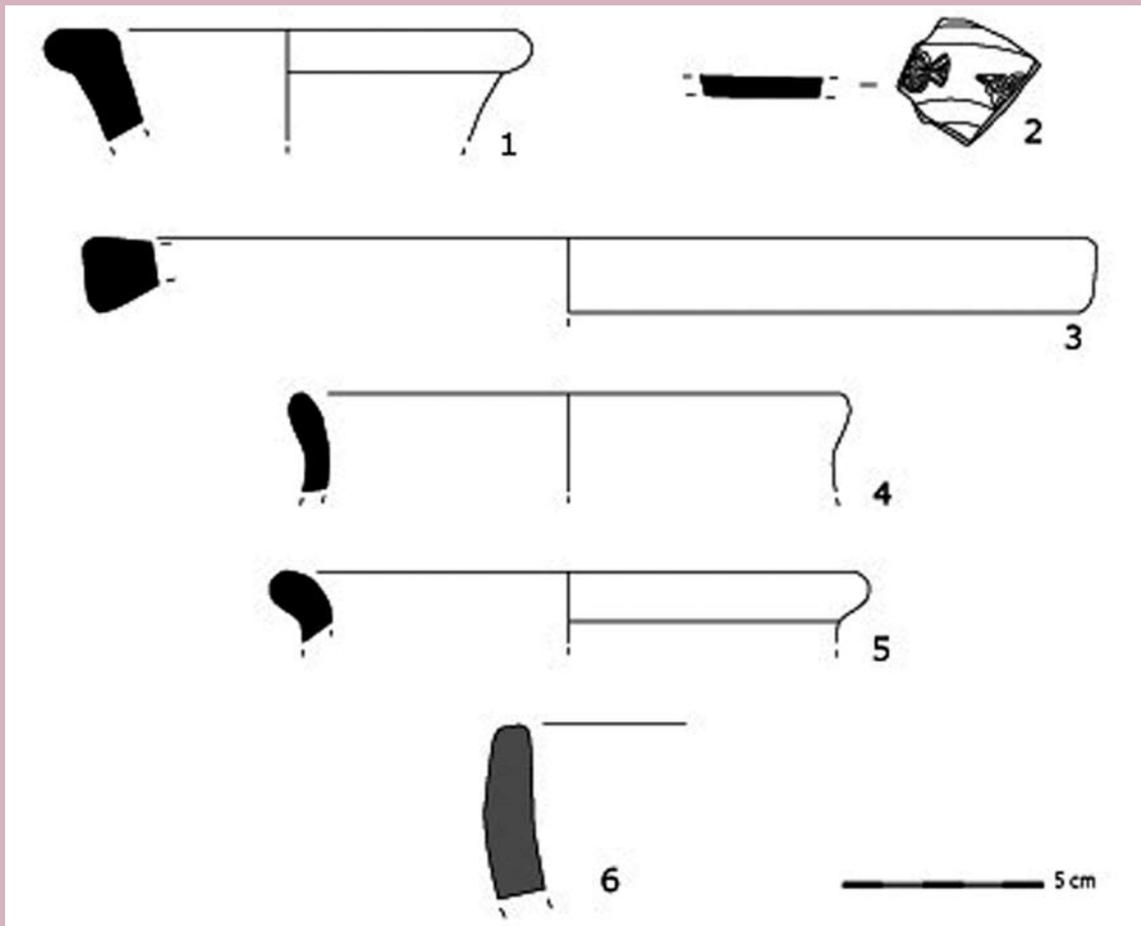


Fig. 7 – Materiais recolhidos na e.u [301] (n.º 1-2-) e da [302] (n.º 3-6).

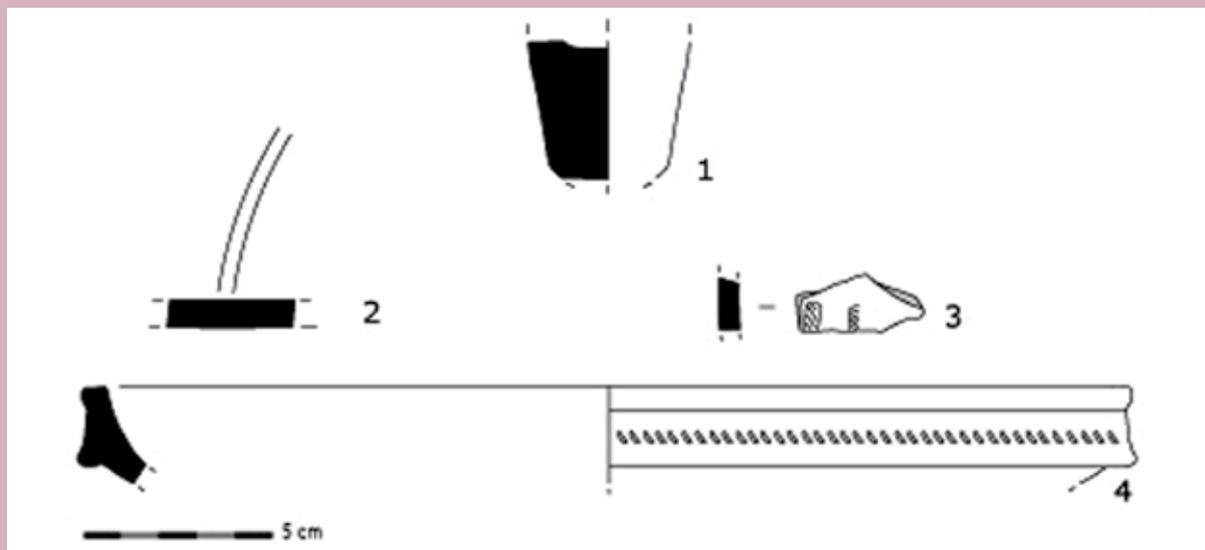


Fig. 8 – Materiais recolhidos na e.u. [402].

1972: 245). Destaca-se ainda a presença de um bordo de cerâmica manual, provavelmente correspondente a uma taça hemisférica (Fig. 7, n.º 6). No contexto do corte 4 - [402] destaca-se a recolha de um fundo de ânfora Almagro 51 a -b? (Fig. 8, n.º 1) e vários fragmentos de *Terra Sigillata*, nomeadamente um fundo de prato de forma indeterminado de *T. Sigillata* Clara D (Fig. 8, n.º 2), um bordo de *T. Sigillata* Focense Tardia pertencente à forma Hayes 3 (Fig. 8, n.º 4), bem como um bojo de *T. Sigillata* Paleocristã com decoração estampilhada (Fig. 8, n.º 3). O facto de estes materiais se caracterizarem por um elevado grau de fragmentação impediu uma classificação formal mais precisa. Estes depósitos - [202=302=402] - assentam directamente sobre o substrato geológico.

#### 4. Intervenção arqueológica da Cruzinha no âmbito ocupacional de época Romana da Ria de Alvor

Os contextos arqueológicos identificados nesta intervenção são, na sua maioria, provenientes de escorrências das terras localizadas a Este da zona intervencionada. Apenas no caso do Corte 1 foi possível verificar a existência de estruturas e estratos conservados, para além de um contexto resultante de uma acumulação continuada de detritos. Esta acumulação derivará da longa ocupação de época Romana aferida no local, que, de acordo com os materiais agora recolhidos, aparentemente se centrou entre o século I e o século VI.

Os vestígios da ocupação romana da Cruzinha encontram-se dispersos numa zona que abarca cerca de 0.25 hec, concentrando-se no interior da propriedade da Quinta da Rocha, local onde ainda é possível ver à superfície grandes blocos de *opus signinum* e uma grande quantidade de cerâmica de construção romana (Fig. 10). Estes vestígios encontram-se certamente relacionados com os da Lameira, situados a cerca de 500m da Cruzinha, junto da margem direita da ribeira do Farelo. Neste local regista-se uma abundância de materiais de construção romanos, conhecendo-se referências à existência de tanques de salga, não visíveis actualmente. Outro sítio que eventualmente se relacionará com o da Cruzinha é o denominado Poço Vezeiro,

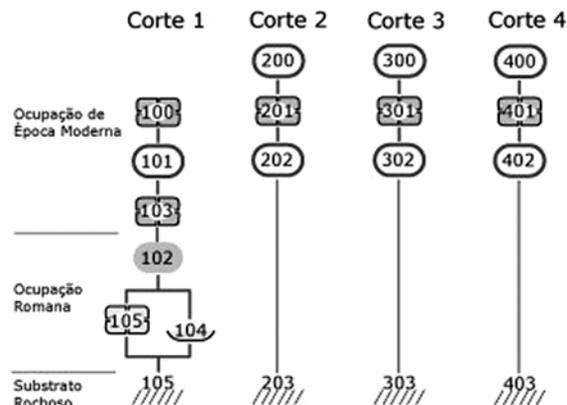


Fig. 9 – Diagrama Estratigráfico dos cortes.



Fig. 10 – Vestígios de materiais de construção romanos (*opus signinum* e *tegulae*) na Cruzinha, no interior da Quinta da Rocha.

onde também se avista à superfície materiais de construção romanos.

Apesar dos dados recolhidos nesta reduzida intervenção lançarem algumas pistas sobre a ocupação romana do local, não permitem aferir os ritmos a que essa se processou, nem comprovar a sua associação a uma actividade produtiva específica. No entanto, admitimos serem passíveis de se relacionar com a exploração dos recursos naturais da



**Fig. 11** – Implantação de sítios romanos na Ria de Alvor: 1 – Abicada; 2 – Poço Fuzeiro; 3 – Cruzinha; 4 – Lameira; 5 - Vau (Qt. da Rocha), 6 – Vila Velha de Alvor.

ria de Alvor, em particular os piscícolas.

Um sítio nas imediações seguramente relacionável com a produção de preparados piscícolas é o conjunto de tanques de salga do sítio do Vau, na continuação da margem direita do estuário, justamente em frente ao cerro de Vila Velha de Alvor, situado na margem esquerda, para onde se defende a localização do centro de carácter urbano de *Ipses*. Nas proximidades da Vila Velha, mais concretamente a Norte e a Sul da vila de Alvor, encontram-se referenciados, de igual forma, vestígios de pequenos tanques de *opus signinum* (Gamito, 1997). Os tanques identificados na *villa* da Abicada, localizada numa pequena plataforma da ria, situam-se apenas a 20m a sudoeste do corpo principal da desta *villa* e não parecem relacionar-se com este tipo de actividade produtiva, encontrando-se provavelmente associados à transformação de outros bens alimentares. Contudo, tendo em consideração a proximidade da *villa* a alguns dos centros de exploração de recursos marinhos referidos anteriormente, julgamos possível que os responsáveis pela organização desta actividade produtiva se poderiam justamente encontrar na Abicada, bem como em Vila Velha de Alvor.

O panorama delineado é o possível tendo em conta o estado actual dos nossos conhecimentos, que se caracteriza, essencialmente, pela ausência de dados concretos e de elementos precisos de datação. No entanto, a informação disponível indicia que o florescimento de actividades relacionadas com a exploração e comercialização de preparados piscícolas no Algarve ocorre no Baixo Império, coincidindo temporalmente com a ocupação romana tardia detectada na Cruzinha. Este sítio encontra-se claramente enquadrado nas redes mediterrâneas de intercâmbios, tal como se comprova pelas importações de cerâmicas finas de produção africana; estas trocas comerciais pervivem até pelo menos meados do século VI, como indicia a presença de *sigillata focense*.

## 5. Bibliografia

- ALARCÃO**, J. (1988) – *Roman Portugal*. London, Wartminster, Aris & Philips Ltd.
- ARRUDA**, Ana Margarida (1997) – “Os núcleos urbanos litorais da Idade do Ferro do Algarve”. In *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, IPPAR, p. 243-256.
- (1999) – “O Algarve no quadro geocultural do Mediterrâneo Antigo”. In *O Algarve. Da antiguidade aos nossos dias. Elementos para a sua história*. Lisboa, Edições Colibri, p. 21-22.
- ARRUDA**, Ana Margarida, **FABIÃO**, Carlos (1990) – “Ânforas da Quinta do Lago (Loulé)”. In **ALARCÃO**, A.; **Mayet**, F. (Eds.) *As ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Coimbra, Museu Monográfico de Conimbriga, Mission Archéologique Française au Portugal, p. 199-213.
- Carta geológica de Portugal na escala de 1:50.000: Notícia explicativa da folha 52-A. Portimão* (1983).
- DELGADO**, M. (1988) – “Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente”. *Cadernos de Arqueologia*, Braga, Série 2, 5, p. 35-49.
- (1992) – “Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente”. *Arqueologia Medieval*, Mértola, I, p.125-133.
- ENCARNAÇÃO**, José (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- FABIÃO**, Carlos (1992-93) – “Garum na Lusitânia rural?: Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve”. In *El médio rural en Lusitania Romana* (Salamanca, 1993). Salamanca, [= *Studia Histórica. Historia Antigua*, 10-11], p. 227-252.
- (1997) – “As *Villae* do actual Algarve”. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa, IPPAR, p. 373-385.
- (1999) – “O Algarve romano”. In *O Algarve. Da antiguidade aos nossos dias. Elementos para a sua história*. Lisboa, Edições Colibri, p. 34-53.
- FABIÃO**, Carlos; **Arruda**, Ana Margarida (1990) – “Ânforas de S. João da Venda (Faro)”. In **ALARCÃO**, A.; **Mayet**, F. (Ed.) *As ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Coimbra; Museu Monográfico de Conimbriga, Mission Archéologique Française au Portugal, p. 215-224.
- FABIÃO**, Carlos; **Carvalho**, António (1990) – “Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva”. In **ALARCÃO**, A.; **MAYET**, F. (Ed.) *As ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Coimbra, Museu Monográfico de Conimbriga, Mission Archéologique Française au Portugal, p. 37-63.

**FARIA**, A.M. (1987-88) – “Ipses, uma ceca hispano-romana do Sudoeste”, *Acta Numismática*, 17-18, p. 101-104.

(1997) – “Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio”. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa, IPPAR, p. 361-371.

**GAMITO**, Teresa Júdice (1994a) – “Vila Velha”, *Informação Arqueológica*, 9 (1987), p. 119-120.

(1994b) – “Ipses (Vila Velha, Alvor)”. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, (Lisboa, 21-23 de Maio de 1993), Lisboa, p. 213-218.

(1997) – “Ipses (Vila Velha de Alvor)”. In *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, IPPAR, p. 257-263.

**GOMES**, Mário Varela, **GOMES**, Rosa Varela (1988) – *Levantamento arqueológico – bibliográfico do Algarve*. Faro, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.

**HAYES**, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. Londres, The British school at Rome.

**MAIA**, M. G. P. (1976-77) – “Sigillata (Paleocristã) cinzenta de Tróia de Setúbal”, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 2-3, p. 411-418.

(1978) – “Contributos para as Cartas de Distribuição em Portugal de «sigillata Luzente» e de «Late Roman C Ware»”. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, I, p. 295-307.

**MANTAS**, Vasco, (1997a) – “As civitates: esboço da geografia política e económica do Algarve romano”. In *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, IPPAR, p. 2283-309.

(1997b) – “Os caminhos da serra e do mar”. In *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, IPPAR, p. 311-326.

**MARQUES**, Teresa (coord.) (1992) – *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e S. Brás de Alportel*. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, vol.1.

**MARQUES**, M.<sup>a</sup> da Graça Maia (1986) – “Vestígios Arqueológicos no Concelho de Portimão. Subsídios para a carta arqueológica do concelho”. In *4º Congresso do Algarve. Textos das comunicações*. Raca Club de Silves, p. 55-60.

**MAYET**, F.; Picon, M. (1986) – “Une sigillée phocé-

enne tardive (Late Roman C ware) et sa diffusion en Occident”, *Figlina*. Lyon, 7, p. 129-142.

**RIBEIRO**, Orlando (1987) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

**RIBEIRO**, Orlando; LAUTENSACH, H. (1987) – *Geografia de Portugal. Organização, comentários e actualização por Suzanne Daveau. A posição geografia e o território*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

**SANTOS**, M.<sup>a</sup> L. Estácio Veiga A. (1971-72) – *Arqueologia Romana do Algarve. Subsídios*. Lisboa, AAP.

(1976) – “Alguns aspectos da Arqueologia Romana do Algarve”, *Anais do Município de Faro*, N.º VI, Faro.

**SILVA**, C. Tavares; SOARES, A. C.; SOARES, J. (1987) – “Notas sobre o material ânforico da Foz do Arade”, *Setúbal Arqueológica*, VIII, p. 203-219.

**SILVA**, C. Tavares; SOARES, A. C.; CORREIA, V. H.. (1990) – “Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres)”. In ALARCÃO, A.; Mayet, F. (Ed.) *As ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Coimbra, Museu Monográfico de Conimbriga, Mission Archéologique Française au Portugal, p. 225-246.

**VEIGA**, S. P. M. Estácio da (1905a) – “Antiguidades Monumentais do Algarve. Capítulo III”, *O Arqueólogo Português*. Vol. X, Lisboa, MNA, p. 8-14.

(1905b) – “Antiguidades Monumentais do Algarve. Capítulo IV”, *O Arqueólogo Português*. Vol. X, Lisboa, MNA, p. 107-118.

(1910) – “Antiguidades Monumentais do Algarve. Volume V. Tempos históricos”, *O Arqueólogo Português*. Vol. XV, Lisboa, MNA, p. 29-44.

**VIEGAS**, Catarina (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa, IPA [= Trabalhos de Arqueologia, 26].

(2006) – A cidade romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira): (1) A terra sigillata. Tavira, Município de Tavira/IPM.